

DESAFIOS DO MESTRADO PROFISSIONAL NA REINVENÇÃO DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA: uma avaliação preliminar dos programas de ensino de teoria da história e de história do ensino de história

Itamar Freitas de Oliveira*
Margarida Maria Dias de Oliveira**

RESUMO: Este artigo reflete sobre as relações entre a instituição do Mestrado Profissional em História e as alterações políticas e epistemológicas no campo do Ensino de História. Concentramo-nos na análise dos programas das disciplinas Teoria da História e História do Ensino de História, observando as formas de apropriação das ementas comuns nos planos de ensino de cada curso, no que diz respeito aos objetivos, objetos, assuntos e bibliografia. A principal estratégia metodológica é a comparação. Concluímos que o Programa inova o campo do Ensino de História, principalmente, por agregar o valor da experiência do novo pesquisador (o professor da escola básica).

PALAVRAS-CHAVE: Currículo; Profhistória; Teoria da História; História do Ensino de História.

Challenges of the professional masters degree in the reinvention of the history teachingfield: a preliminary evaluation of the history theory and of the history of history teaching

ABSTRACT: This article reflects on the relationship between the institution of the Professional Master in History and the political and epistemological changes in the field of History Teaching. We focus on the analysis of the programs of the subjects Theory of History and History of History Teaching, observing the forms of appropriation of the common menus in the teaching plans of each course, with regard to the objectives, objects, subjects and bibliography. The main methodological strategy is comparison. We conclude that the Program innovates the field of History Teaching, mainly, by adding the value of the experience of the new researcher (the teacher of the basic school).

KEY WORDS: Curriculum; Profhistoria; History Theory; History of History Teaching.

Desafíos de los masters profesionales em La reinvencción del campo de enseñanza de la historia: una evaluación preliminar de los programas de enseñanza de lateoría de la historia y de história de La enseñanza de historia

RESUMEN: Este artículo reflexiona sobre la relación entre la institución del Máster Profesional en Historia y los cambios políticos y epistemológicos en el campo de la Enseñanza de la Historia. Nos centramos en el análisis de los programas de las asignaturas Teoría de la Historia e Historia de la Enseñanza de la Historia, observando las formas de apropiación de los menús comunes en los planes de enseñanza de cada curso, con respecto a los objetivos, objetos, asignaturas y bibliografía. La principal estrategia metodológica es la comparación. Concluimos que el Programa innova el campo de la Enseñanza de la Historia, principalmente, al agregar el valor de la experiencia del nuevo investigador (el maestro de la escuela básica).

PALABRAS CLAVE: Currículum; PROFHistória; Teoría de la Historia; Enseñanza de Historia de la Historia.

* Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pós-doutorado em História pela Universidade de Brasília. Atualmente, é professor do Departamento de Educação, na Universidade Federal de Sergipe. Contato: Rua do Jequitibá, 2147, Cidade Satélite, Pitimbu, CEP: 59067-680, Natal-RN, Brasil. E-mail: itamarfreitasufs@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2226-2015>.

** Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: Rua do Jequitibá, 2147, Cidade Satélite, Pitimbu, CEP: 59067-680, Natal-RN, Brasil.. E-mail: margaridahistoria@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8542-4173>.

Quando evocamos as inovações institucionais em termos de Ensino de História, nas últimas duas décadas, percebemos que uma transformação foi iniciada. Referimo-nos, especificamente, à criação do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Mestrado Profissional em História (PROFHISTÓRIA). Se podemos adjetivar assim – “transformação” – é porque os indícios são extremamente significativos, embora pouco perceptível para a maioria dos que tratam de epistemologia histórica e de história do ensino de história. Em primeiro lugar, percebemos alteração no perfil dos participantes dos principais eventos da área, seja em caráter local, como os eventos das seções estaduais da Associação Nacional de História (ANPUH), seja em caráter nacional, como o Simpósio Nacional de História, o Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História.

No Simpósio Nacional, ocorrido no Recife/PE (2019), mais de 100 trabalhos emergiram das atividades do PIBID, além de contabilizarmos dezenas de comunicações orais dos alunos do PROFHISTÓRIA, que também constituíram um simpósio exclusivo. Em segundo lugar, e como desdobramento dessa participação, alterou-se para melhor a qualidade dos trabalhos produzidos. Questões sensíveis como as que exploram violência de gênero, silenciamento de etnicidades e de memória de períodos autoritários, antes circunscritas a grupos minoritários e militantes, hoje se tornaram matéria comum e, em algumas rubricas da área do ensino, dominante. Questões teórico-metodológicas, antes levantadas, predominantemente, pelos campos da Psicologia da Aprendizagem e História da Educação, são abordadas a partir de um diálogo mais próximo com o campo da Teoria da História, da História Pública e da Didática da História e provenientes da reflexão de historiadores profissionais.

Isso foi possível porque o PIBID viabilizou a presença de milhares de alunos de licenciatura em sala de aula a experimentarem o contato com o ambiente da Escola básica e a liberdade para promoverem atividades orientadas pelos resultados da pesquisa em Ensino de História, produzida nas últimas duas décadas. O PROFHISTÓRIA, por seu turno, viabilizou a presença de centenas de professores de História nas classes de pós-graduação da Universidade que estão transformando em quantidade e qualidade a investigação relativa aos desafios que eles próprios levantavam antes de migrarem para os cursos de mestrado. Dada a alta especialização e a alta dispersão espacial dos dois programas, a correlação de forças entre os participantes desses eventos e entre os futuros filiados às corporações tende a ser alterada.

Hoje, o tema “ensino de História” congrega o maior número de trabalhos de iniciação e o maior número de alunos de pós-graduação na área de História.

O PROFHISTÓRIA é a “novidade” da pós-graduação em História e a pós-graduação é o principal mecanismo consolidador de campos de pesquisa. Foram produzidas, aproximadamente, duas centenas de dissertações nos últimos quatro anos, segundo diretrizes provenientes de um currículo obrigatório único (algo que não ocorre com o mestrado acadêmico). É nítido, inclusive, o incômodo provocado pela possibilidade de construção de um curso de doutorado profissional. Em recente artigo sobre a “Expansão e avaliação da área de História” (2010-2016), Carlos Fico, Claudia Wasserman e Marcelo de Souza Magalhães apontaram as “positividades” da instalação de cursos de doutorado profissional em História, mas também a dificuldade de manter um discurso identitário sobre esse novo curso:

se há algumas positividades evidentes, como a garantia de autonomia para programas profissionais que poderiam oferecer tanto o mestrado quanto o doutorado, bem como a possibilidade de aplicação prática em função do maior tempo, de propostas experimentais; por outro lado, seria difícil estabelecer-se diferença significativa entre o trabalho de conclusão do mestrado e do doutorado profissionais.¹

A declaração dos pesquisadores e avaliadores de cursos de pós-graduação em História nos parece apontar para preocupação em sentido contrário: a de sustentar um discurso identitário sobre os atuais doutorados acadêmicos. Em um futuro não muito longínquo, a alteração provocada pela criação desse novo grau pode inclusive modificar o perfil do futuro professor-formador dos cursos de licenciatura em História, atualmente reservado, na maioria dos casos, ao doutor formado em cursos acadêmicos.

Como a realidade costuma superar os planos, contudo, o PROFHISTÓRIA (objeto de nossas reflexões neste artigo) já colhe os primeiros e necessários frutos da sua autoavaliação. O cenário foi montado em Salvador, no I Encontro Nacional do PROFHISTÓRIA, onde apresentamos e discutimos o perfil da disciplina obrigatória “História do Ensino de História” e acompanhamos o resultado das discussões sobre a disciplina (agora analisada a partir dos seus programas).

Poucas semanas depois de encerrado o evento, já nos deparávamos com a emissão das novas diretrizes para a Formação do Professor de História que tende a gerar ruídos com a formação ofertada pelo PROFHISTÓRIA. Isso nos estimulou a aprofundar os termos do debate iniciado no encontro da Bahia e a comentar sobre o lugar do Programa na reinvenção

do campo do Ensino de História. Além disso, foi nossa intenção também apresentar sugestões que possibilitassem a permanência desse sopro de inovação, em meio à adversa conjuntura política que vivenciamos, no que diz respeito à relação entre formação em nível de graduação e formação em nível de pós-graduação.

Neste artigo, portanto, respondemos a duas questões que medeiam a compreensão dos problemas levantados: 1) O que prescreveram os mestrados do PROFHISTÓRIA em termos de formação em Teoria da História e História do Ensino de História? 2) O que pode ser mantido e o que pode ser alterado nesse currículo obrigatório para que o Programa continue a fomentar a inovação no campo da pesquisa em Ensino de História? Nosso trabalho foi pautado nas orientações de G. Sacristán² que contempla os “currículos prescritos”.³ Segundo o autor, o exame desses dispositivos serve “como meio de conhecer, desde uma perspectiva pedagógica, o que ocorre na realidade escolar, à medida que, neste nível de determinações, se toma decisões e se operam mecanismos que têm consequências em outros níveis de desenvolvimento do currículo.” Na investigação, também empregamos técnicas de História Comparada⁴ para tratar as concordâncias e diferenças em termos de conceitos proposições e elementos da arquitetura informacional dos referidos programas de curso.

Infelizmente, neste texto, o diálogo com os colegas das áreas de História do Ensino de História, de Teorias do Currículo, Currículos e Programas, História da Educação e História do Ensino de História fica prejudicado por não possuímos, ainda, textos acadêmicos que tratem do currículo prescrito do PROFHISTÓRIA e da História do PROFHISTÓRIA em sua condição de rede formativa. Por esta razão, há trecho identificado onde informamos “de memória” que podem ser facilmente contestados por trabalhos de outros autores que a este se seguirão. Quanto às sentenças expressas pelo “provável” e pelo “possível”, essas são secularmente abonadas entre nós profissionais da História.

Outra aparente limitação deste trabalho está nos seus objetivos, que se refletem nas considerações finais. Não estamos propondo um novo currículo de disciplinas obrigatórias para o PROFHISTÓRIA. O que fazemos é um primeiro registro público de avaliação das ementas e programas de Teoria da História e de História do Ensino de História, demandados por um problema e uma situação comunicativa: uma transformação em um domínio de estudos designado, nas últimas três décadas, “Ensino de História”. Essa avaliação é ainda mais premente quando estamos prestes a incorporar mais 584 mestrados, ampliando a atuação do programa de 27 para 39 núcleos, que podem impactar na ampliação de alunos, de

pessoal docente, que traz ainda mais posições sobre teoria e prática e experiências particulares em termos de investigação sobre ensino de História.

Objetivamente, o que fizemos foi a eleição das ementas comuns aos cursos, os fins das disciplinas acadêmicas referidas, assuntos e bibliografia, a comparação de unidades, organizando e contrastando tipos em busca de uma visão mais nítida sobre os modos de significação de “Teoria da História” e de “História do Ensino de História” como instrumentos de formação do profissional do ensino de História, matriculado no PROFHISTÓRIA.

A descrição e a comparação de dados, além das conclusões as quais chegamos acerca das questões anunciadas acima, estão organizados em blocos que tratam da constituição do currículo prescrito de disciplinas obrigatórias e da análise dos programas de Teoria da História e de História do Ensino de História, além das considerações finais.

A constituição do currículo

Ainda não temos uma história sobre os anos que envolvem a tramitação do projeto na CAPES e o funcionamento das primeiras turmas. Podemos, no entanto, por exercício de memória, junto às informações registradas no “Histórico do Programa”, disponibilizado no Portal do PROFHISTÓRIA, afirmar que a iniciativa de criar um mestrado profissional em Ensino de História foi efetivada a partir de 2012:

A proposta foi inicialmente apresentada pela Prof^aD^a Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ) e desenvolvida por docentes vinculados a seis instituições do Rio de Janeiro, a saber: UFRJ, UFRJ, UFF, UERJ, UNIRIO, PUC-Rio. Esse grupo inicial foi responsável pela elaboração do Projeto e do Regimento do Programa de Mestrado Profissional de Ensino em História (PROFHISTÓRIA) que, posteriormente, agregou novos colaboradores do Rio de Janeiro e de outras regiões do país. No total, participam docentes vinculados a seis instituições de ensino superior da região Sudeste do país; cinco da região Sul; uma da região Nordeste; e uma da região Norte.

Concluído o projeto do Mestrado Profissional em Ensino de História em rede nacional tendo como âncora a UFRJ e reunindo 12 Universidades de diferentes localidades, o resultado foi apresentado à Capes para avaliação e aprovado em agosto de 2013.⁵

Como indica o referido “Histórico”, em tratativas com o Ministério da Educação e a CAPES, o projeto carioca foi transformado em um empreendimento similar ao conhecido PROFMAT, ofertado em rede, extensível às universidades federais instaladas em Santa Catarina (UESC e UFSC), Rio Grande do Sul (UFSC e UFRS), Tocantins (UFTO), Rio

Grande do Norte (UFRN), além do próprio Rio de Janeiro (PUC-RJ, UERJ, UNIRIO, UFF e UFRJ).

A condição de mestrado em rede, inspirada no PROFMAT, nos estimula a comparar brevemente os dois programas no que diz respeito à estruturação dos currículos. O PROFMAT é uma iniciativa do Sociedade Brasileira de Matemática, conveniada ao Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). O PROFHISTÓRIA é uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ, realizada pelos próprios docentes de instituições do Rio de Janeiro e de outras universidades que tiveram seus núcleos aprovados em editais nacionais. Em outros termos, é a corporação de professores universitários de História que pensou e decidiu sobre o currículo do programa PROFHISTÓRIA.

Contudo, apesar de os professores universitários estarem organizados na Associação Nacional de História (ANPUH-BR) e na Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH), a iniciativa de criação do mestrado foi individual, no interior de uma instituição de ensino, diferentemente da situação da Matemática, que se assemelha ao modo estadunidense de prescrever currículos da escola básica, isto é, requisitando a contribuição do terceiro setor, que são os *councils*.

No PROFMAT e no PROFHISTÓRIA, o currículo prescrito é justificado (entre outras teses) pela melhoria na qualidade da formação de professores e respectivo ganho entre os alunos da escola básica. A transformação dessa demanda em disciplinas, contudo, é realizada de modo diferente. No PROFMAT, as competências e habilidades, traduzidas em áreas e linhas de pesquisa refletem, predominantemente, os programas de cursos de bacharelado em Matemática, enquanto no PROFHISTÓRIA, as competências e habilidades expressas na área “Ensino de História” e nas linhas “Saberes históricos no espaço escolar”, “Linguagens e narrativas históricas: produção e difusão” e “Saberes históricos em diferentes espaços de recordação” estão em sintonia com os recorrentes resultados da pesquisa sobre Ensino de História que enfatizam o afastamento das pedagogias passivas, centradas na transmissão de conteúdos substantivos.

Quando o elemento de comparação é o ementário das disciplinas, essas diferenças se ampliam. No PROFMAT, a centralidade nas Matemáticas exploradas no ensino superior contrasta com a centralidade das atividades de inovação estimuladas pelas disciplinas do PROFHISTÓRIA. Essa diferença decorre, sobretudo, da diversidade de processos avaliativos do PROFHISTÓRIA e da ênfase nos trabalhos de inovação, utilizáveis em sala de aula, na

educação básica, que o programa de História exige aos pós-graduandos como trabalho final para a obtenção do grau.

É possível que interesses e experiências diversas – singulares ao grupo que projetou a primeira versão da estrutura pedagógica – expliquem essa nossa vantagem em relação ao inspirador PROFMAT. A UFRJ sozinha não conseguiria hegemonia, a ANPUH nacional e, menos ainda, a ABEH não poderiam pautar e implantar o currículo de caráter nacional, com isso, e obter a legitimidade dentro do Ministério da Educação (MEC). Contudo, as prescrições em termos de finalidades do Programa e a sua tradução coerente em linhas e produtos não bastam para comemorarmos internamente a vitória da iniciativa. É necessário avançar ainda mais. E um ponto que identificamos como problemático é o da tradução das ementas disciplinares em material de ensino que seja coerente com as finalidades do PROFHISTÓRIA, sobretudo aquelas que reivindicam a reflexão dos usos contemporâneos da História e a formação de professores voltada “para a inovação em sala de aula”. Quando pensamos nas disciplinas obrigatórias, questionamos: que Teorias da História estamos abordando? Que Histórias do Ensino estamos empregando nos cursos do PROFHISTÓRIA? Elas são, efetivamente, mediadoras de um ensino de História inovador e ancorado em demandas contemporâneas da escola?

Os cursos de Teorias da História

O que temos como testemunhos, por ora, são os programas das disciplinas de Teoria da História e de História do Ensino de História, postados na Plataforma do PROFHISTÓRIA (https://profhistoria.ufrj.br/estrutura_curso). Pode parecer pouco, mas para o que nos interessa a publicização de aproximadamente 70% dos programas dos 27 cursos de mestrado profissional em História é um sinal de que a proposta em rede está funcionando. A publicidade possibilita comparações como a nossa, focada na descrição das maneiras pelas quais os professores formadores traduzem a ementa comum em objetivos, os objetivos em assuntos. Além disso (embora sem o mesmo nível de relacionamento), podemos perceber o que os professores prescrevem aos alunos em termos de bibliografias básica e complementar.

A ementa de Teoria da História é constituída por campos, pares antitéticos de conceitos por conceitos isolados. Os campos são a Filosofia da História, Teoria da História e Epistemologia da História. É possível que a Comissão de Avaliação Nacional (CAN) tenha querido significar a sequência arquivo/compreensão/explicação/representação como

Metodologia da História, o que contemplaria as quatro áreas onde a reflexão mais sofisticada sobre o saber histórico se concentra atualmente e também no ano de 2016, quando a proposta foi formulada na UFRJ. É também provável que os membros da CAN tenham dado como resolvida (ou, ao menos, não problematizável) o elenco de campos e conceitos citados acima. Eventuais disputas do grupo ou polêmicas em torno de inclusões e exclusões, evidentemente, dependem de recolha do depoimento oral dos seus participantes, o que não é o nosso caso, nesse momento.

Os pares antitéticos dispostos na ementa são: história/memória, objetividade/subjetividade, particular/geral e o já citado compreensão/explicação. Essas antinomias praticamente realizam as questões levantadas pelos campos acima, entre meados do século XIX e meados do século XX. Os conceitos isolados de História, Historiografia, verdade, prova, contexto estão no escopo do mesmo período. Já os conceitos história-problema, operação historiográfica, ciência social e historicidade remetem aos historiadores abonados pelos brasileiros e que demonstram a diversidade de posições. São respectivamente, Marc Bloch, Michel De Certeau, François Hartog e o duo Karl Marx/Fernand Braudel. Os conceitos de retórica e escala, por fim, indicam a presença de elementos do debate gerado pelo *linguistturn* das apropriações nacionais sobre história local a micro-história de corte francês ou italiano. Isso significa dizer que a disciplina obrigatória Teoria da História pavimenta o caminho de diferentes modos de entender a ciência histórica em disputa na segunda metade do século passado, mas não abre mão das discussões que a tornaram saber científico no século XIX.

Isso vale, ressaltamos, para a ementa. Mas as diferentes articulações concorrentes ou colaborativas experimentadas entre mestrado acadêmico e mestrado profissional que convivem numa mesma instituição e, certamente, a autonomia dos professores e as disputas entre professores de um mesmo programa de mestrado, quando há revezamento na condução da disciplina, provocam interpretações desviantes e elementos reforçadores da ementa na distribuição dos objetivos.

Desviante em relação às eleições da CAN são os temas da teoria da aprendizagem cognitiva (UNESPAR), a constituição do “conhecimento escolar”, a constituição do “conhecimento profissional docente”, as demandas impostas pelo tempo presente ao ensino de História, (UFRJ). Em alguns programas, o ensino de História é chamado a interagir com a teoria, ao menos em três casos: nos usos da Teoria da História na produção do conhecimento

histórico em sala de aula (UDESC, UFRJ, UFRRJ), da Teoria da História em suas relações com o currículo e o livro didático de História (UNIFAP) e da Epistemologia histórica na prática de “ensino e aprendizagem” (UFRRJ). O que não está na ementa, mas representa uma herança dos cursos de graduação, é o “panorama da historiografia contemporânea” (UNEB) – com destaque para as “tradições historiográficas alemã, francesa [...]” (UNESPAR) –, o panorama das Teorias da História no século XIX (UNEMAT) e operacionalização dos quadros teóricos dos projetos de dissertação a serem executados pelos alunos do PROFHISTÓRIA (UFRRJ, UNEB, UNIFAP e UFSC).

São reforçados, por outro lado, os assuntos da ementa referentes ao método histórico (com ou sem menções à Teoria da História) em sua versão do “fazer do historiador” e do emprego “na pesquisa histórica” (UNEB) com foco na “cientificidade da História” (UNESPAR), na produção “História Cultural” (UFSC) e também o estabelecimento de relações entre História, Memória e História e Identidade (UFRJ), “História, memória, tempo” e identidade (UFRRJ) e memória, “tempo e narrativa” (UDESC). Um ou outro conceito (ou grupo de conceitos) é transcrito integralmente da ementa, como “História, historiografia e historicidade”, retórica e narrativa (Unicamp). Outros recebem nova composição – “operação historiográfica e políticas de memória” (Unicamp). Outros, ainda, simplesmente, não foram referenciados, a exemplo de objeto, objetividade, subjetividade, verdade, prova, história-problema e mesmo a versão da História como Ciência Social. Seria um indício de repulsa preconceituosa aos temas de uma Teoria de fundo cientificista ao modo do século XIX?

Na tradução dos objetivos para as listagens de assuntos, parte dessa configuração se mantém. A precisão da nossa análise, contudo, é prejudicada, considerando que diferentes são os modos e as dimensões da distribuição da matéria. Há programas onde estão ausentes os objetivos, mas anunciam “conteúdos” e vice-versa. Há programas que distribuem os “conteúdos” em três sentenças e, ainda, os que listam até duas dezenas.

Apontadas as limitações, podemos afirmar que os programas se diferenciam bastante uns dos outros (muito mais que os programas de História do Ensino de História, como veremos adiante). Somos até tentados a afirmar que cada programa apresenta um tipo, mas não o faremos. Em um esforço para comparações futuras, constatamos seis atitudes típicas dos formadores que nos possibilitam relacionar assunto (“conteúdos”) à ementa de Teoria da História.

A primeira atitude, minoritária, é transformar o curso de Teoria em espaço de discussões de problemas, objetos e conceitos, enfatizando, por exemplo, as relações docência-identidade (sob aporte de M. Tardif) e questões do tempo presente e ensino de História, como a “Escola Sem Partido” (Fernando Penna - UFF).

A segunda atitude é compreender Teoria como espaço da discussão epistemológica da História, destacando (sempre “por exemplo”) o “estatuto” da ciência histórica via F. Hartog e M. De Certeau⁶, as tarefas do historiador ao modo de W. Humboldt e L. vonRanke⁷. Esses tipos podem ser classificados como os mais homogêneos.

Os tipos compósitos conciliam epistemologia (de formação docente) e epistemologia da História entre si e, ainda, com História da Historiografia e demandas sociais e teóricas emergentes. Os problemas, conceitos e temas associados, contudo, são minoritários numericamente, no interior de cada programa. Assim, formadores conciliam concepções de Tempo em Teoria da História, via F. J. Whitrow, com ideias de “tempo histórico em sala de aula”, via L. D. E. Rosati⁸, discutem “gênero e estudos pós-coloniais”, via J. Scott, após prescreverem os conceitos de “experiência e expectativa”, de R. Koselleck⁹, ou encerram seus cursos, discutindo “didática da história, cognição histórica situada na educação histórica”, via M. A. Schmidt e I. Barca, após terem discutido, por exemplo, os conceitos de “experiência”, de E. P. Thompson, de “discurso”, de M. Foucault, e “representação”, a partir de R. Chartier¹⁰.

Há, por fim, os que transformam Teoria da História em um painel de problemas epistemológicos, políticos, sociais, metodológicos, em suma, de questões que envolvem fins do componente curricular História, pesquisa e escrita da História, formação inicial e formação continuada do professor de História sem pôr ênfase em nenhum desses temas. Bom exemplo é o programa que discute os fins do ensino de História na contemporaneidade, a partir da experiência dos próprios alunos, o ofício do historiador, via Marc Bloch, a cientificidade da História, por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, os “temas sensíveis e o ensino de História”, como a questão racial e a ditadura militar no Brasil, por Verena Alberti e a “historiografia brasileira no contexto da crítica pós-moderna”, por J. C. Reis¹¹.

Em síntese, os programas de Teoria da História são constituídos por ementas que privilegiam conteúdo relativamente harmônico no que diz respeito aos problemas metafísicos, epistemológicos e metodológicos com os quais se ocuparam os formadores na passagem do século XIX para o século XX e na passagem deste para o século XXI. Na transformação das

ementas em objetivos e assuntos, ganham força as discussões sobre história da historiografia, método histórico e são inseridos alguns temas relativos à aprendizagem histórica e à identidade docente e questões sensíveis da experiência social brasileira do tempo presente.

Histórias do ensino de História

A disciplina História do Ensino de História é também obrigatória no PROFHISTÓRIA, mas apresenta um diferencial. Enquanto a expressão “Teoria da História” era observada pelos pesquisadores do ensino de História sob o signo da multiplicidade e, até, com certa resistência, a expressão “História do ensino de História” intitulava grupos de trabalho (GTs), grupos de discussão (GDs) ou mesmo simpósios temáticos (STs) nos vários eventos nacionais e locais promovidos por filiados da ANPUH e da ABEH. Era, portanto, uma espécie de subcampo de atuação dos pesquisadores do Ensino de História, no Brasil, nas últimas duas décadas. Assim, não é provável que a CAN tenha enfrentado debates acalorados na produção da ementa, dada a consolidação de determinados problemas de pesquisa, categorias e periodizações, o que torna ainda mais significativa a análise da tradução dos seus assuntos nos programas de ensino de cada instituição componente da rede do PROFHISTÓRIA.

O termo “consolidado” se aplica bem, por exemplo, para a categoria “disciplina escolar” e os marcos temporais de sua emergência, o “século XIX”, para as categorias “ensino”, “aprendizagem”, a historicização dessa “disciplina” ou “história escolar” na educação básica e a historicização da formação superior em História e da “profissionalização dos professores”. A ementa também abre espaço às relações entre “saber acadêmico e saber escolar” e entre “demandas sociais e ensino de História”, ao nosso ver, preocupações do tempo presente ou do passado recente.

Nos objetivos, essas orientações estão bem representadas. Mas, é importante lembrar que inexistente padrão para apresentação dos Programas. Por isso, nove deles prescrevem “objetivo geral” e dez organizam-nos em “objetivos geral e específicos”. Três deles não explicitam objetivos. Os gerais majoritários destacam a promoção de reflexões sobre o caráter histórico da disciplina e sua relevância no tempo presente. A trajetória é iniciada no século XIX, sempre a partir de contextos político, econômico e social. Minoritários são os objetivos que visam “dar a conhecer bibliografia e experiências sobre institucionalização da História e profissionalização do historiador em diferentes lugares das América e da Europa”¹². Contudo,

a explicitação dos objetivos majoritários e minoritário nos qualifica a refletir sobre o quanto isso diz sobre o campo do ensino de história, sobre a composição de uma narrativa sobre a história do ensino de história e sobre como a disciplina é concebida como uma “introdução” ao campo (às vezes, restrita a uma cronologia).

Os objetivos específicos majoritários se referem à compreensão do ensino de história como a constituição de campo de conhecimentos, a apresentação das principais linhas de pesquisa no campo do ensino de História e à reflexão sobre a produção, circulação, difusão e recepção dos conhecimentos históricos no espaço escolar. Também rememoram a formação e a trajetória profissional dos acadêmicos a partir das leituras sobre formação de professores no Brasil e estimulam a compreensão das relações entre saber histórico acadêmico e saber histórico escolar, do ensino de História como um campo de disputas políticas, culturais e sociais e das propostas teórico-metodológicas contemporâneas para o ensino de História.

No que diz respeito aos objetivos específicos minoritários, eles são concentrados na análise da especificidade epistemológica do conhecimento histórico escolar e as estratégias usadas pelos professores para lidar com os desafios da prática docente. Nesse sentido, prescrevem o exame do Ensino de História a partir da importância das mídias, do patrimônio, discutindo-os articuladamente às questões sobre os espaços de formação dos professores. Os objetivos também exploram a reconfiguração professor, da função da História e de seu ensino, e os dilemas derivados de demandas recentes e diversificadas, relativas à História e seu ensino.

Comparados os objetivos gerais com os objetivos específicos, podemos perceber que estes últimos acompanham os primeiros, ou seja, no que diz respeito à formatação de uma memória histórica sobre o próprio campo. Paradoxalmente, os objetivos específicos minoritários se aprofundam nos princípios que regem o PROFHISTÓRIA, ressaltando a forma de produção do conhecimento histórico como fundamento do ensino de História, embora o reconheça como um saber de fronteira e, portanto, em diálogo com outros conhecimentos, sobretudo os provenientes das Ciências da Educação (Currículo, História da Educação, Psicologia da Aprendizagem, entre outras). Assim, o conteúdo majoritário dos programas prioriza uma narrativa unilinear e homogeneizadora traduzida em quatro temas: (1) o surgimento da História como disciplina e campo disciplinar, com ênfase no exame dos currículos; (2) as finalidades do Ensino de História; (3) o ensino de História como objeto de estudo em suas tendências e perspectivas; e (4) a trajetória do ensino de História na Educação

Básica e Superior no Brasil, no que diz respeito às políticas públicas e às reformas educativas posteriores aos anos 1980.

São esses temas que consideramos a representação da ossatura dos programas, ou seja, a prescrição do estudo da historicidade da disciplina escolar História (ou do ensino, ou dos currículos de História) nos séculos XIX e XX, no Brasil, com algum detalhamento em relação à experiência republicana: governos de Getúlio Vargas e recente Ditadura Militar. Minoritária é a historicização dos cursos superiores de História.

Na distribuição dos conteúdos essa ossatura fica mais nítida, sobretudo quando são apresentadas as referências bibliográficas. Exemplos estão na discussão da “trajetória do ensino de História na educação básica”, via S. G. Fonseca e a “emergência da História como campo disciplinar no século XIX, via C. Bittencourt¹³ “o ensino de História no século XIX”, com C. Bittencourt, e “o ensino de História na primeira metade do século XX, com K. Abud¹⁴. Sobre a história recente, os programas de ensino exploram, por exemplo, a instituição da Base Nacional Curricular Comum e os seus desdobramentos no ensino de História, com A. Cabral, e o livro didático de História, com S. Miranda¹⁵, as categorias “consciência histórica”, com M. A. Schmidt, e a “profissionalização” via “Escola uspiana de História”, com M. H. R. Capelato¹⁶.

Essas disposições de objetivos e assuntos nos induzem à percepção de que há uma historiografia de história do ensino de História consolidada, embora seja restrita a experiência Rio de Janeiro, um pouco menos de São Paulo e menos ainda de Minas Gerais, mas concentrada nesses estados. A produção historiográfica de outros estados não reverberou nesta síntese que é muito homogênea.

Os programas que mais especificam a história do ensino de História são os do Rio de Janeiro e isso ocorre, provavelmente, por causa da concentração de dados sobre livros didáticos, instituições-modelo e a narrativa da capital federal que se espalha para todo o Brasil (a USP é o padrão narrativo para todo o país no que concerne a história dos cursos superiores).

Não há referências a experiências isoladas ou inseridas em outros saberes da história do ensino de História antes do Colégio Pedro II e do IHGB, embora elas estejam documentadas historiograficamente. Os professores vinculados a cursos de programas da área da Educação, ou por esta perspectiva orientados, buscam a escola como objeto de pesquisa e, por isso, discutem aprendizagem, autobiografias e relação com ensino. Assim, a perspectiva

majoritária é aquela assumida pelo campo da História da Educação, destacando currículos prescritos, não ficando claros os esforços para pensar a história dentro dessa perspectiva.

Corroborando a síntese da história do ensino de História consolidada, os anos 80 do século XX são apresentados como momento de debates, mas muito indefinidos, passando a impressão de que a falta de uma orientação ou de um consenso sobre o ensino-aprendizagem de história é sinônimo de pluralidade e, portanto, de democracia.

As novas tecnologias (mídias digitais) são a grande novidade e o grande problema dos dias atuais, mas inseridas em uma grande contradição: aparecem como democráticas, plurais, mas, ao mesmo tempo, como um embate com a escola. A história disseminada, sobretudo, pelos *youtubers* e influenciadores digitais é tida como um mal a ser combatido, embora, o reconhecimento de múltiplas narrativas sejam consenso.

Esses elementos capturados no exame dos programas de história do ensino de História nos levam a afirmar que tanto as ementas como a sua tradução em objetivos e assuntos indicam uma consolidação de uma história do Ensino de História no Brasil em termos de objetos e periodização. Os objetos não prescritos pelas ementas, resultantes das experiências singulares do corpo docente de cada núcleo do PROFHISTÓRIA, contudo, são muito dispersos, sobretudo quando põe em questão as relações entre saberes da prática e saberes teóricos da História e da Educação e uma diversidade de desafios cotidianos a serem enfrentados pelo profissional docente.

Pensamos que tais considerações já nos permitem fazer uma última comparação entre o que observamos nos programas das duas disciplinas, a título de considerações finais.

Considerações finais

Neste artigo, situamos o PROFHISTÓRIA na configuração recente do campo do Ensino de História. Os incômodos provocados pela ampliação da oferta de vagas na pós-graduação, da produção de trabalhos dissertativos em apenas uma das dezenas de subcampos que se ocupam da pesquisa histórica em tão curto lapso de tempo e o olhar detido dos historiadores aos problemas da escola básica podem mesmo significar uma alteração no perfil dos historiadores e também na configuração do campo do Ensino de História, até então controlado pelos profissionais das Ciências da Educação. Pensamos tratar-se, como anunciamos, de uma “reinvenção do campo do ensino de História”.

Tal reinvenção, contudo, pode resultar na pulverização de subcampos não necessariamente qualificadores da iniciativa de instituição do PROFHISTÓRIA como inovador instrumento de formação profissional.

Em termos curriculares e em nível de prescrição, como exploramos neste artigo, a reinvenção do campo do Ensino de História enfrenta, pois, dois grandes desafios. O primeiro é a incorporação da pluralidade de trabalhos de história da teoria e prática do ensino de História – trabalhos que extrapolam a experiência do século XIX, concentrada na velha capital da República – nos currículos prescritos (ao menos) de cada uma das turmas do PROFHISTÓRIA. É paradoxal que tenhamos cursos em 22 estados e apenas 3 deles tenham experiências tornadas conteúdo substantivo como matéria. No mínimo, uma história comparada do Ensino de História teria que ser exercitada.

O segundo desafio é a difusão de um corpo conceitual mínimo que explicita os critérios de validação do trabalho do profissional de História em termos de investigação, escrita e usos do conhecimento histórico em ambiente escolar. Embora não tenhamos encontrado muita discordância entre os currículos dos cursos no que diz respeito à Teoria da História, chamam a atenção as iniciativas (que podem se transformar em tendências) de instituição de epistemologias de formação de professor e epistemologias da História e (em parte consequência dessas iniciativas) as tentativas de instituir, em nível epistemológico, um espécie de transposição de uma suposta Teoria da História (isolada dos seus usos) para o Ensino de História (isolado das teorias).

Notas

¹ FICO, Carlos; MAGALHÃES, Marcelo; WASSERMANN, Claudia. Expansão e avaliação da área de história: 2010-2016. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v.2, n. 28, p.267-302, set./dez. 2018.

² SACRISTÁN, J. G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

³ Os programas disponibilizados no site do PROFHISTÓRIA - https://profhistoria.ufrj.br/estrutura_curso - contabilizam 30 programas de cada uma das disciplinas obrigatórias.

⁴ HAUPT, Heinz-Gerhard; KOCKA, Jürgen. *Comparative and transnational History: Central European approaches and new perspectives*. New York: Berghahn Books, 2012. p. 116-117.

⁵ PROFHISTÓRIA. Mestrado Profissional em Ensino de História. *Histórico do Programa*. Rio de Janeiro, sd. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

⁶ UEM. Universidade Estadual do Maranhão. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. São Luís, 2019. (Apócrifo). Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

⁷ UNIRIO. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Pedro Spinola Pereira Caldas) 2016. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

⁸ UNIFAP. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Simone Garcia Almeida) 2019. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

⁹ UFPR. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. Curitiba, sd. (Andréa Doré). Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

¹⁰ Idem.

¹¹ UNEB. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Maria das Graças de Andrade Leal e Sara Farias) 2018-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

¹² UFS. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Itamar Freitas) 2018-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

¹³ UDESC. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (CAROLINE J. CUBAS) 2019-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

¹⁴ UFRJ. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Marcia de Almeida Gonçalves e Daniel Pinha). Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

¹⁵ UFSC. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Mônica M. da Silva) 2019-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFSC. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Elison A. Paim) 2019. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFSC. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Janine Gomes da Silva e Luciano de Azambuja). Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

¹⁶ UFRN. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Raimundo N. A. da Rocha) 2018-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

Referências

CALDATTO, Marlova Estela; PAVANELLO, Regina Maria; FIORENTINI, Dario. O PROFMAT e a Formação do Professor de Matemática: uma análise curricular a partir de uma perspectiva processual e descentralizadora. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 30, n. 56, p. 906 - 925, dez. 2016.

PROFHISTÓRIA. Mestrado Profissional em Ensino de História. *Lista de dissertações produzidas pelos alunos do PROFHISTÓRIA*. Rio de Janeiro, sd. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/banco_tese. Acesso em: 23 nov. 2019.

PROFHISTÓRIA. Mestrado Profissional em Ensino de História. *Regimento Geral do PROFHISTÓRIA*. Rio de Janeiro, sd. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/uploads/regulamentos_formularios/58dad185519ae_Regimento_Geral.pdf. Acesso em: 23 nov. 2019.

UDESC. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Rogério Rodrigues) 2014-2. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UDESC. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Nucia A. S. de Oliveira) 2018-1. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UEM. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Solange Ramos de Andrade) 2019-1. Disponível em:
https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UEMS. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. Campo Grande, 2018/2019 (Apócrifo). Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UEMS. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. Campo Grande, 2018/2019. (Apócrifo). Disponível em:
https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UERJ. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Maria Aparecida da S. Cabral) 2018-1. Disponível em:
https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UERJ. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Helenice Rocha) 2019-1. Disponível em:
https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFF. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. Niterói, 2019-1 (Everardo P. de Andrade, Marcos P. Barreto e Rodrigo de A. Ferreira). Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFMT. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Osvaldo Rodrigues Júnior) 2018-1. Disponível em:
https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFPA. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. Belém, sd. (Maria Roseane C. P. Lima e Eliana R. Ferreira). Disponível em:
https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRGS. *Programa de História do Ensino de História*. Porto Alegre. (Caroline Pacievitch, Carmen Z. V. Gil e Fernando Seffner) 2018-1. Disponível em:
https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRGS. *Programa de História do Ensino de História*. Porto Alegre. (Caroline Pacievitch, Carmen Z. V. Gil e Fernando Seffner) 2019-1. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRGS. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Caroline Pacievitch, Carmen Z. V. Gil e Fernando Seffner) 2018-1 Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRJ. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Cinthia M. de Araújo) 2018-1. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRJ. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Ana Maria Monteiro) 2018-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRJ. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Ana M. Monteiro; Carmen T. Gabriel) 2016-2. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRRJ. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Rebeca Gontijo) 2018-1 Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRRJ. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Maria da Glória de Oliveira e Rebeca Gontijo). Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRRJ. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Rebeca Gontijo) 2019-1 Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFMS. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (José I. Ribeiro) 2018. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFS. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Itamar Freitas) 2018-1. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFS. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Itamar Freitas) 2019-1 Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFS. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Itamar Freitas) 2019-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFRN. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (José E. Fagundes) 2019-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFES. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Nikelen A. Witter; Júlio Q. dos Santos) 2019-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UFES. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Jorge Luiz da Cunha) 2019-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNEB. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (José Gledison R. Pinheiro) 2019-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNEB. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (José Gledison R. Pinheiro) 2019-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNEB. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Maria das Graças de Andrade Leal e Sara Farias) 2019-. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNEMAT. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Edison Antônio de Souza e João Edson Fanaia e Domingos Sávio) 2018 1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNESPAR. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Bruno F. L. FAcundes; Frederico J. A. Cavanna) 201[8]-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNESPAR. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Bruno F. L. FAcundes; Frederico J. A. Cavanna) 2019-1. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNESPAR. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Ricardo Marques de Melo) 2019 1. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNESP. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Fábio Franzini) 2019 1 Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNESP. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Fábio Franzini) 2018 1 Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNICAMP. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Aldair Rodrigues). sd. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNICAMP. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (José A. de Freitas Neto) 2018-1. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNICAMP. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Josianne Francia Cerasoli) 2019 1. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNIFAP. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Sidney Lobato e Alexandre Cruz Alves Júnior) 2018. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNIFAP. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Giovani J. da Silva; Cecília M. C. B. Bastos) 2019-2. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNIFESP. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (José G. R. Pinheiro) 2019 1. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNIFESP. *Programa de ensino da disciplina História do Ensino de História*. (Antônio S. de Almeida Neto) 2018-1. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNIFESP. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Fábio Franzini) 2019 1 Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNIRIO. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Spinola Pereira Caldas) 2016. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNIRIO. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Spinola Pereira Caldas) 2019. Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.

UNIRIO. *Programa de ensino da disciplina Teoria da História*. (Rodrigo Turin) 2018 1 Disponível em: https://profhistoria.ufrj.br/sobre_programa/historico_programa. Acesso em: 23 nov. 2019.